

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 5

Antônio Sérgio



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1983

ITÁLIA NOS *ENSAIOS* DE ANTÓNIO SÉRGIO

Não se afiguram abundantes, no conjunto das páginas de os *Ensaio*s, as referências a Itália, à sua cultura, à sua literatura. Confirmando o que A. Campos Matos, recentemente, em imaginária entrevista, fazia dizer a Sérgio, acerca da sua intimidade, sobretudo, com a velha cultura grega e a literatura clássica francesa 0).

Contudo, naquela sua prática, tão cuidadosamente seguida, de uma fina atitude ensaística, consoante a Sílvio Lima aprazia acentuar ⁽²⁾, Sérgio não relegou a Itália para uma posição secundária nos *Ensaio*s, nem deixou de a identificar com algumas das mais clarividentes ou ousadas conquistas do pensamento e que largamente pesavam na sua vastíssima formação científica, ou na sua aliciante formação humanista, oportunamente analisadas por Magalhães-Vilhena ⁽³⁾.

Não seria, porém, a antiga Roma, julgada pouco mais do que imitadora, e nem sempre feliz, da cultura grega ⁽⁴⁾, e definida, essencialmente, como um forte modelo de uma civilização militar e política, acaso não inteiramente do agrado de Sérgio ⁽⁵⁾, que recolheria o seu apreço. A Itália atraía *

* Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa.

O A. Campos Matos, «Diálogo com António Sérgio», *Jornal de Letras*, Lisboa, II, 57, Abril de 1983.

⁽²⁾ Sílvio Lima, *Ensaio sobre a essência do ensaio*, 2.^a ed., Coimbra, Arménio Amado, 1964, p. 160.

⁽³⁾ Vasco de Magalhães-Vilhena, *António Sérgio e a Filosofia*, Lisboa, Cosmos, 1960, p. 9.

⁽⁴⁾ António Sérgio, *Ensaio*s, vol. II, Lisboa, Seara Nova, 1929, p. 152.

⁽⁵⁾ *Idem, ibidem*, vol. III, 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1937, p. 58.

Sérgio pelo escol que animara o seu Renascimento ⁽⁶⁾; pelo que conseguira alargar do espírito desse Renascimento ⁽⁷⁾; pelo constante senso crítico que soubera inocular na sua cultura clássica ⁽⁸⁾.

Mas Sérgio não menos se sentia atraído pela Itália dos tempos medievais, prenhe de uma emoção piedosa que lhe era grato acentuar ⁽⁹⁾.

São Francisco de Assis, Dante, Maquiavel ou Galileu seriam, por virtude das suas atitudes ou das suas obras, alguns dos nomes italianos que Sérgio, com maior frequência, citou nos seus *Ensaio*s. Com eles nutrindo, talvez, algo da louvada coerência interna do seu magistério, segundo o entendia Óscar Lopes ⁽¹⁰⁾. Ou algo do seu pendor humanista, do seu racionalismo ou do seu próprio universalismo, a seu tempo analisados por Joel Serrão ⁽¹¹⁾.

Vária outra gente italiana circula nas páginas dos *Ensaio*s. Não falta, por exemplo, D'Annunzio trazido a capítulo a propósito do simbolismo ⁽¹²⁾. Nem falta o seiscentista Marino, bizarro e impetuoso, dado por nome maior do ideal barroco, interpretado por Sérgio como um verdadeiro contrapolo de um tempo clássico. De Marino reproduzindo versos célebres e carismáticos de *Murtoleide*, advogados da presença da surpresa e do espanto como condições essenciais da emoção poética ⁽¹³⁾.

Não faltou nos *Ensaio*s, igualmente, a lembrança de Torquato Tasso, artífice da *Gerusalemme Liberata*, emparceirado com Ludovico Ariosto, o cantor do *Orlando Furioso*, ambos passíveis, no entendimento de Sérgio, num juízo aliás comum ^{*1}

⁽⁶⁾ *Idem, ibidem*, p. 55.

⁽⁷⁾ *Idem, ibidem*, vol. II, ed. cit., pp. 19-20.

⁽⁸⁾ *Idem, ibidem*, vol. I, Rio de Janeiro-Porto, Anuário do Brasil-Renascença Portuguesa, 1920, p. 38.

⁽⁹⁾ *Idem, ibidem*, vol. III, ed. cit., p. 137.

⁽¹⁰⁾ Óscar Lopes, *Ler e Depois. Crítica e Interpretação Literária*, I, Porto, Inova, 1969, p. 222.

⁽¹¹⁾ Joel Serrão, «Para uma caracterização do ensaísmo de António Sérgio», *O Tempo e o Modo*, Lisboa, 47-48, Março-Abril de 1967, p. 331.

⁽¹²⁾ António Sérgio, *Ensaio*s, vol. I, ed. cit., p. 30.

⁽¹³⁾ *Idem, ibidem*, vol. V, 2.^a ed., Lisboa, Europa-América, 1955, p. 117.

Acrescente-se que os versos de Marino não foram transcritos na sua versão integral. Esta é acessível, por exemplo, em: *Opere Scelte di Giovan Battista Marino e dei Marinisti*, vol. I, a cura di Giovanni Getto, Torino, Utet, 1963, p. 248.

a uma grande parcela da crítica camonianiana deste século⁽¹⁴⁾, de uma condenável ausência de atitude crítica nos seus poemas⁽¹⁵⁾, esquecido, porém, o facto, respeito a Ariosto, de ser o poeta italiano, seguramente, uma das fontes literárias de um Camões tão enaltecido pela sua desassomburada invectiva contra os desavindos príncipes cristãos⁽¹⁶⁾.

Não falta nos *Ensaios* a presença do romântico D'Aze-glio, na sua veste política⁽¹⁷⁾. Nem faltam palavras de um Cavour identificado com os tempos da unificação italiana⁽¹⁸⁾. Ou, para dias já contemporâneos, a lembrança de um Croce, vítima do fascismo⁽¹⁹⁾. Não falta a alusão e o exame de conceitos enunciados por um historiador como Ferrero, parceiro possível de algumas interpretações históricas e políticas expressas por Sérgio⁽²⁰⁾.

Como se não achou afastado das páginas de os *Ensaios*, num ensaio por certo grato ao seu Autor, o napolitano Vico, doutrinário do «verum-factum», ordenador de leis históricas e seguro afluente no curso do génio de um Oliveira Martins⁽²¹⁾.

Mas nome algum se avanta aos de São Francisco de Assis, de Dante, de Maquiavel, de Galileu. Entre os quais se parece estabelecerem subtis relações e com alguns dos quais Sérgio estabeleceria relações de iniludível importância.

São Francisco de Assis desponta em um bom número de páginas dos *Ensaios*. Invocado na epígrafe de um combati-vo capítulo⁽²²⁾; dado como prova de uma luta por cada homem conduzida contra as tentações⁽²³⁾. Sobretudo, como

⁽¹⁴⁾ José da Costa Miranda, «Camões / Ariosto: um confronto evidente no percurso do *Orlando Furioso* em Portugal», *Estudos Italianos em Portugal*, Lisboa, 1979-80.

⁽¹⁵⁾ António Sérgio, *Ensaios*, vol. II, ed. cit., pp. 35-36.

⁽¹⁶⁾ *Idem, ibidem*, vol. I, ed. cit., p. 143.

Veja-se sobre este assunto: Luciano Rossi, «Considerações sobre Ariosto e Camões», *Brotéria*, 11-5, Lisboa, Novembro de 1980. Ainda: José da Costa Miranda, «Ainda sobre Camões e Ariosto», *Arquivos do Centro Cultural Português*, XIV, Paris, 1981.

⁽¹⁷⁾ António Sérgio, *Ensaios*, vol. III, ed. cit., p. 189.

⁽¹⁸⁾ *Idem, ibidem*, p. 213.

⁽¹⁹⁾ *Idem, ibidem*, p. 211-12.

⁽²⁰⁾ *Idem, ibidem*, vol. I, ed. cit., p. 200.

Outras referências e exame de considerações apresentadas pelo historiador italiano se encontram, por exemplo, nos vols. III e IV, dos *Ensaios*.

⁽²¹⁾ *Idem, ibidem*, vol. V, ed. cit., p. 43.

⁽²²⁾ *Idem, ibidem*, vol. I, ed. cit., p. 307.

⁽²³⁾ *Idem, ibidem*, vol. V, ed. cit., p. 229.

protagonista do capítulo intitulado *O jogral de Deus*, pedaço fundamental do longo estudo dedicado ao cristianismo⁽²⁴⁾.

São Francisco seria visto por Sérgio com extrema afectuosidade, porque espelho de uma encantadora simplicidade, modelo de um comovedor humanismo poético o qual iria desembocar, segundo Sérgio, num exemplar sentimento de unidade.

Lembrava Sérgio o lirismo do cântico ao Sol. Lembra-va, apoiado, por certo, nos *Fioretti*, a espontaneidade do sermão dos pássaros⁽²⁵⁾.

Mas Sérgio localizava em São Francisco não apenas um exemplo maior de um rejuvenescido, singelo e confiante cristianismo que o atrairia, quanto, ainda, uma origem viva de movimentos espirituais que, não só se harmonizariam com o seu magistério, quanto com uma sua caracterização de uma atitude democrática, igualitária, socialista⁽²⁶⁾.

Aquele reino de um Cristo rejuvenescido de que São Francisco se tornara luminoso ornamento, Sérgio dava como opositor o espírito de Maquiavel. A seus olhos, Cristo e Maquiavel representavam princípios inconciliáveis, defrontando-se em repetidas e contraditórias atitudes aniquiladoras, pela sua inconciliável dualidade, do homem moderno⁽²⁷⁾.

Contudo, Maquiavel irá, simultaneamente, fornecer a Sérgio considerações de extrema importância sobre a democracia. E, curiosamente, se antes Maquiavel surgia a seus olhos como o destacado adubo de uma organizada ideia nacionalista identificada, no mundo europeu, como um dos resultados políticos mais acabados do Renascimento, Maquiavel parece apresentar-se-lhe, tal como São Francisco se apresentara para o Cristianismo, como um foco renovador da ideia democrática, pela sua crença, pela sua defesa nos actos de renovação de qualquer organização, se restituída aos seus princípios essenciais⁽²⁸⁾.

Era nos *Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio*⁽²⁹⁾ que Sérgio achava matéria em Maquiavel para reverter ao

⁽²⁴⁾ *Idem, ibidem*, vol. VI, Lisboa, Inquérito, 1946. Trata-se do ensaio *Sobre Cristianismo e Cristãos, verdadeiros e falsos*, p. 223-72.

⁽²⁵⁾ O episódio é narrado no cap. XVI dos *Fioretti*.

⁽²⁶⁾ António Sérgio, *Ensaio*, vol. VI, ed. cit., p. 268.

⁽²⁷⁾ *Idem, ibidem*, vol. III, ed. cit., 59. Também no vol. VII, Lisboa, Europa-América, 1954, p. 210.

⁽²⁸⁾ *Idem, ibidem*, vol. III, ed. cit., p. 191.

⁽²⁹⁾ Valerá a pena recordar que o livro terceiro dos *Discorsi* tem o seguinte título: «A volere ehe una sëtta o una republica viva lungamente, é necessario ritirlarla spesso verso il suo principio». Veja-se: Niccolò Macchiavelli, *Il Principe e Discorsi sopra la prima deca*

caso da democracia ameaçada pela ausência de sabedoria e de ponderação. As palavras de Maquiavel, reproduzidas e, acaso, susceptíveis, aqui ou ali, de algum ligeiro toque na sua tradução, entendia-as Sérgio por lapidares e mais do que nunca, olhando, então, ao caso português, extremamente oportunas ⁽³⁰⁾.

Se em Maquiavel encontrava Sérgio um possível inspirador para uma sua doutrinação política na senda de uma inadiável regeneração da democracia, muito embora Maquiavel se lhe apresentasse, a um tempo, como o contrário de Cristo e Cristo se lhe oferecesse como um dos mestres da Democracia ⁽³¹⁾, Sérgio localizava em um outro italiano, em Dante, o justo instante de conciliação de capacidades que se aprestava a defender, face à arrastada insensibilidade ou ao negativo dogmatismo lusitano; a compatibilidade da inteligência e da criação poética ⁽³²⁾. E na sequência de esse seu propósito cedo uma relação, de certeza grata ao seu espírito, era estabelecida entre Antero e Dante ⁽³³⁾.

Mas uma outra relação era recordada, e com alguma insistência: a de Virgílio - Dante. Seguramente valorizada pelas suas preocupações de pedagogo, pela sua crença nas forças da Razão humana, que descobriria, é de crer, atrás da figura de Virgílio.

Dante, olhos postos no seu louvado Mestre, apresentava-se a Sérgio como um dos gigantes da modernidade ⁽³⁴⁾. Tal como o seria Galileu, definido por fundador da ciência moderna e inquestionável criador de uma moderna mentalidade ⁽³⁵⁾.

Galileu parece mostrar-se-lhe, se a interpretação é correcta, como a harmonização entre o método analítico e o método dedutivo; como a harmonização entre ciência e inventiva ⁽³⁶⁾. Galileu oferecia-se-lhe, ainda, como a decisiva fuga a uma física que apelidava de discursiva ⁽³⁷⁾. Como se lhe

di Tito Livio, con introduzione di Giuliano Procacci e a cura di Sergio Bertelli, Milano, Feltrinelli, 1960, p. 379.

Será oportuno acrescentar-se que esse mesmo princípio do regresso a um estado de renovação ou de equilíbrio vital, passaria, igualmente, no próprio teatro de Maquiavel. Nomeadamente em *Clizia*, acto V, 3, em uma das falas de Sofronia.

⁽³⁰⁾ António Sérgio, *Ensaio*, vol. III, ed. cit., p. 191.

⁽³¹⁾ *Idem, ibidem*, vol. VII, ed. cit., p. 210.

⁽³²⁾ *Idem, ibidem*, p. 4.

⁽³³⁾ *Idem, ibidem*, vol. I, ed. cit., p. 42.

⁽³⁴⁾ *Idem, ibidem*, vol. II, ed. cit., p. 167.

⁽³⁵⁾ *Idem, ibidem*, pp. 25-27.

⁽³⁶⁾ *Idem, ibidem*, vol. III, ed. cit., p. 19.

⁽³⁷⁾ *Idem, ibidem*, vol. VII, ed. cit., p. 254.

apresentava apto a apetrechar quem se dispusesse a desafiar uma epistemologia bergsoniana ⁽³⁸⁾.

Giordano Bruno não seria esquecido, igualmente, nos *Ensaio*s. Ombreando, pelo menos em uma não ocasional página, com Galileu. Evocando a marcha augustiante para uma ciência moderna. Recriando a presença dos arrojados «uomini nuovi» ⁽³⁹⁾. Dos quais, parece-me, e talvez deliberadamente, Campanella, o utopista de *La Città del Sole*, não apareceria nos *Ensaio*s. Circunstância não secundária para uma definição do pensamento de Sérgio?

⁽³⁸⁾ *Idem, ibidem, vol. V, ed. eit., p. 179.*

⁽³⁹⁾ Francesco De Sanctis, *Storia della Letteratura Italiana, vol. II*, a cura di Benedetto Croce, Bari, Laterza, 1949. A designação passa no cap. XIX.